

DO FIM DO MUNDO NA POESIA BRASILEIRA: ALGUNS EXEMPLOS, ANÚNCIOS, EXORCISMOS*

PEDRO EIRAS**

Resumo: *Tendo como pano de fundo o imaginário do fim do mundo na literatura brasileira, este ensaio lê alguns poemas do volume Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea (org. Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias, Contracapa, 2022). Numa representação plural da catástrofe, referências bíblicas cruzam-se com notícias da atualidade, a tradição do cordel funde-se com a denúncia do horror presente: o imaginário do fim do mundo não para de se reinventar para dizer os medos e as lutas do século XXI.*

Palavras-chave: *Poesia brasileira; Um Brasil Ainda em Chamas; Wilson Alves-Bezerra; Jefferson Dias; Fim do mundo.*

Abstract: *Having as a backdrop the imaginary of the end of the world in Brazilian literature, this essay reads some poems from the volume Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea (org. Wilson Alves-Bezerra and Jefferson Dias, Contracapa, 2022). In a plural representation of the catastrophe, biblical references intersect with current news, the tradition of the cordel merges with the denunciation of the present horror: the imaginary of the end of the world continues to reinvent itself to reflect the fears and struggles of the 21st century.*

Keywords: *Brazilian poetry; Um Brasil Ainda em Chamas; Wilson Alves-Bezerra; Jefferson Dias; End of the world.*

Um ensaio sobre o imaginário do fim do mundo na poesia brasileira exigiria várias centenas de páginas — se não milhares. Teria de se debruçar, por exemplo, sobre o soneto «Apocalipse», de Augusto dos Anjos, com o seu anúncio de uma «subversão universal», os seus «despedaçamentos, derrubadas, / Federações sidéricas quebradas...», e a solidão impotente de um sujeito que testemunha o fim: «E eu só, o último a ser, pelo orbe adeante, // Espião da cataclísmica surpresa / A única luz tragicamente acesa / Na universalidade agonizante!» (1963 [s.d.], p. 228). Implicaria uma extensa leitura do «Poema da necessidade», de Carlos Drummond de Andrade, segundo o qual «É preciso salvar o país, / é preciso crer em Deus, / é preciso pagar as dívidas, / é preciso comprar um rádio, / é preciso esquecer fulana», mas também, numa lista tão imperiosa quanto torrencial, «É preciso viver com os homens / é preciso não assassiná-los, / é preciso ter mãos pálidas / e anunciar O FIM DO MUNDO» (2002 [1940], p. 21). Seria incontornável ler o poema

* Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

** U. Porto/ILCML. Email: peiras@letras.up.pt.

«O fim do mundo», de João Cabral de Melo Neto, denúncia de um cotidiano repetido, morno, conformado, pior do que qualquer catástrofe apocalíptica (1986 [1945], p. 417):

*No fim de um mundo melancólico
os homens lêem jornais.
Homens indiferentes a comer laranjas
que ardem como o sol.*

[...]

*O poema final ninguém escreverá
desse mundo particular de doze horas.
Em vez de juízo final a mim preocupa
o sonho final.*

O ensaio teria de comentar, no mínimo, o choro «E o mundo não se acabou», de Assis Valente — interpretado por Marlene, Carmen Miranda, Ney Matogrosso, Adriana Calcanhotto... —, crônica de uma catástrofe que não se verifica, mas que pelo menos desinibe o desejo: «Acreditei nessa conversa mole / Pensei que o mundo ia se acabar / E fui tratando de me despedir / E sem demora fui tratando de aproveitar. / Beije na boca de quem não devia / Peguei na mão de quem não conhecia / Dancei um samba em traje de maiô / E o tal do mundo não se acabou» (2024 [1938], s.p.). Seria preciso, claro, lembrar Elza Soares, enfrentando corajosamente a catástrofe: «Mulher do fim do mundo / Eu sou e vou até o fim cantar» (2015, s.p.). E revisitar Arnaldo Antunes, que descreve «O dia de amanhã», a resiliência mesmo depois do fim: «O mundo já passou do fim do mundo / O fim do mundo já passou do fim» (2005, s.p.). E ainda o «Poema para a catástrofe do nosso tempo», de Alberto Pucheu, enfatizando um conselho sagaz: «mas não podemos entrar numa neurose, / como se fosse o fim do mundo» (2020, s.p.). Também importaria ler livros que introduzem a chave escatológica logo no título: *07 Notas sobre o Apocalipse ou Poemas para o fim do mundo*, de Tatiana Nascimento (2019), ou *Estive no Fim do Mundo e me Lembrei de Você*, de Adriane Garcia (2021). Sem esquecer que o fim dos tempos também se declina em prosa — entre uma crônica de Cecília Meireles sobre «O fim do mundo» (1998 [s.d.], p. 73), o estudo de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro *Há Mundo por Vir?* (2015 [2014]), ou um livro-manifesto de Ailton Krenak sintomaticamente intitulado *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019).

E etc. — um inesgotável etc.

Esta enumeração, já extensa, não deixa de ser parcial, ilustrativa, um simples convite a uma pesquisa muito mais demorada, a exigir o trabalho de toda uma equipa.

Ainda assim, mesmo numa breve visão panorâmica, começam a surgir algumas repetições (como a remissão para o hipotexto bíblico, ou a conversão do medo em gesto de resistência) e também significativas diferenças (o desespero *versus* o desejo, o lamento *versus* o riso, certa melancolia paralisante *versus* a capacidade de reinventar mundos depois do fim); como Camões diz do amor, também o fim do mundo é «tão contrário a si», tão igualmente ambivalente e indefinível.

A essas duas dificuldades de fundo — quantitativa e qualitativa — conviria acrescentar ainda algumas questões de difícil (ou impossível) resolução: será possível detetar influências, contaminações, laços de família entre tais propostas poéticas apocalípticas? Haverá alguma especificidade no tratamento da questão apocalíptica na poesia brasileira, um certo dizer do fim do mundo intrínseco à literatura escrita no Brasil? Mas será sequer possível pensar este tema como uno, e subsumir na mesma designação de «fim do mundo» fenómenos tão diversos como o *fin-de-siècle*, a urgência de um combate político, catástrofes sociais e ecológicas? Novamente, parece impor-se um *etc.* de dimensões incalculáveis.

Claro que um breve artigo como este não poderá resolver nenhum desses desafios. Na verdade, proponho-me um objetivo mais modesto: observar uma antologia de poesia brasileira recente, sob o ponto de vista da tonalidade apocalíptica. Penso no volume *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*, organizado por Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias, e publicado pela editora Contracapa, de Vila Meã (Portugal), em maio de 2022.

A antologia abre com um texto prologal, assinado pelos organizadores, em tom assumidamente inquietante. Sob o sintomático título *Itinerário do descaminho — ou de como antologiar poesia em um Brasil ainda em chamas*, o texto de Jefferson Dias e Wilson Alves-Bezerra denuncia com grande veemência diversos males do Brasil contemporâneo: já não só «pouca saúde e muita saúva», como no diagnóstico tragicómico de *Macunaíma* (Andrade 2004 [1928]), mas também a violência policial, o racismo instalado, a pobreza e a fome, a misoginia, a calculada destruição da Amazónia, o triunfo de um neoliberalismo onnipresente e onnipotente, a presidência de Jair Messias Bolsonaro. Neste contexto de catástrofe, os autores salientam a «tanatologia vulgarizada» e a «necropolítica» (Dias e Alves-Bezerra 2022, p. viii) do Brasil de hoje, conduzindo a um radical epistemicídio: toda uma tradição, um saber ancestral, uma pluralidade de cosmovisões são assim condenados ao desaparecimento. Ou ainda, como escrevem Dias e Alves-Bezerra, num enunciado porventura generalizante, mas capaz de denúncia direta, «Tudo é morte, tudo é crime na Terra de Vera Cruz» (2022, p. vii).

Por outro lado, a leitura dos poemas demonstra que, onde existe o perigo, cresce também o que salva, como quer Hölderlin (1991 [1802]); ou seja, os textos incluídos na antologia — e a própria antologia como um todo maior do que as partes, como uma cartografia de vozes dialogantes — permitem responder à política tanatológica do Brasil

com uma reinvenção de linguagem de resistência, contestação, luta. Onde um contexto catastrófico insiste em hierarquizar, oprimir ou mesmo calar a pluralidade das vozes (da mulher, do negro, do indígena), estes textos permitem recuperar um descentramento crítico, uma explosão de perspectivas. Assim, a antologia não é um lamento constativo, mas um ato performativo de rebeldia: contra a necropolítica, uma resposta vital de reinvenção do mundo pela palavra.

Um Brasil Ainda em Chamas inclui textos de 38 autores. Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias referem o projeto de reunir escritores de numerosas zonas do Brasil; as breves notas biográficas revelam percursos individuais extremamente variados. Todo o volume parece conjugar a percepção comum de um estado de coisas injusto, criminoso e desumano, com uma pluralidade de estilos, temas, referências: a uma mesma inquietação política respondem diversas propostas poéticas. Claro que não poderei dar conta aqui de todas essas escritas, de todos os diálogos implícitos e significativos que estabelecem. Neste breve artigo, regresso apenas à ideia de fim do mundo — como matriz narrativa que permite a alguns destes autores descreverem o Brasil contemporâneo. Em suma, estou interessado pelo modo como as referências apocalípticas, o léxico da catástrofe e da destruição são assumidos por alguns poemas; estou interessado pelo modo como um imaginário apocalíptico muito antigo se aplica a um universo extremamente contemporâneo, reinventando-se.

Vejamos, então, quatro reescritas poéticas brasileiras do fim do mundo.

1. UM FUROR IRÓNICO

Augusto Meneghin, nascido em 1987 no Estado de São Paulo, é autor de dois livros de poesia: *O Mar sem Nós* e *Pluma e Imensidão*. A antologia *Um Brasil Ainda em Chamas* inclui o seu poema «Brasil», do qual cito apenas os últimos versos (2022, pp. 22-23):

Brasil eu não conheço o seu sexo
Brasil eu queria uma farmácia cheia de floriculturas
Brasil eu queria uma farmácia cheia de poemas
Os pardais não parecem brasileiros
As Academias são manicômios da Igreja
As Igrejas são manicômios da Miséria
Brasil eu desejo um paradoxo
Quero Augusto dos Anjos em versos brancos
& morar na Sombra de sua Melancolia
& ser agarrado pela Noite sem sapatos
& me afogar no mar poluído da Separação
& dançar até o Apocalipse
Das crianças mortas

Tendo sido escrito em 2007, este poema não designa o mesmo Brasil que outros poemas da antologia, mais recentes; porém, muitos dos males que enumera regressarão em textos escritos nos últimos anos, por outros autores, demonstrando-se assim a persistência trágica de diversos problemas. Num ritmo torrencial, o poema de Meneghin refere as favelas, as balas perdidas, as guerras, o racismo, os assassinatos; e, no fim, a inoperância das instituições, condenando o país a uma insanável paralisia: «As Academias são manicômios da Igreja / As Igrejas são manicômios da Miséria».

Em contradição com esse panorama disfórico, o tom do poema, porém, é épico, galvanizante, numa tradição que decerto vem de Whitman, do futurismo italiano, de Álvaro de Campos, e sobretudo de Allen Ginsberg, a quem Augusto Meneghin dedica este «Brasil». Mesmo o caos e a ruína são invocados num discurso de intensa euforia, fazendo lembrar a escrita torrencial da *Beat Generation*. De resto, o discurso insiste ainda numa forte tensão sexual e numa sugestão de epifania: «Brasil eu quero seu cu / Não importa o que aconteça será sagrado» (2022, p. 21), ou seja, uma experiência que, mesmo atravessando o horror de sucessivos manicômios, se pretende radical, extática, sublime.

Ora, «Brasil» termina com uma referência escatológica explícita: «Brasil eu desejo um paradoxo / Quero Augusto dos Anjos em versos brancos / & morar na Sombra de sua Melancolia / [...] / & dançar até o Apocalipse / Das crianças mortas». Eis então a pergunta fundamental da minha leitura: por que razão o poema evoca aqui o *Apocalipse*? Ou talvez: que consequências tem, sobre o poema, a evocação do *Apocalipse*? Mas, para responder, seria preciso primeiro decidir em que sentido se usa a palavra «apocalipse»: *revelação*, conforme quer a palavra grega, ou *destruição*, como prefere a aceção corrente? Pois não é certo que este «apocalipse» seja eufórico nem disfórico, e o sentido do fecho do poema depende da leitura deste ambíguo *pharmakon* (cf. Derrida 1993 [1972]).

Quanto ao cotexto dessa palavra, de forma nenhuma permite resolver a interpretação de forma definitiva: «Quero [...] / [...] dançar até o Apocalipse» é uma manifestação eufórica de desejo, mas «o Apocalipse / Das crianças mortas» é um retrato disfórico do horror. Talvez este «apocalipse» seja indecifrável: denúncia e festa, protesto e êxtase, crítica mas também experiência de euforia estética. Em *El Fin del Mundo como Obra de Arte*, Rafael Argullol lê o *Apocalipse* de João para observar como o fim do mundo pode ser explorado enquanto espetáculo, artefacto verbal, gozo da narrativa; trata-se de um «problema artístico» (2007 [1991], p. 35), exigindo um domínio do *suspense*, de uma precisão matemática, de macabros contrastes. Talvez o «Apocalipse» de Augusto Meneghin tenha aqui a mesma função: elemento estético, mais que ético, gozo dos sentidos.

2. A TERRA NOVAMENTE DEVASTADA

Jefferson Dias é autor de três livros de poesia e de uma *plaquette* sugestivamente intitulada *Políptico Apocalíptico*, publicada em 2021 pela Editora Primata. A antologia *Um Brasil Ainda em Chamas*, que coorganiza, inclui o seu poema «Cântico pré-apocalíptico». Cito alguns excertos (2022, p. 37):

Há o medo:

[...]
A selvageria dos modos mais civilizados de matar
Crimes do século
Tomamos parte em muitos e os achamos
Belos
Debaixo dos nossos edredons
De sete palmos de terra.
(As pessoas estão menos livres
[...]
Muitas jazem
Com um tiro na nuca.)
[...]
(Estão abolidos os apertos de mão.)
[...]
A civilização vai desabar sobre os selvagens
O fino talco
O peido do palhaço
A civilização
Afinal.

Há o medo
Tão quentinho
E tiritamos
Somos as caveiras
Sob os lençóis
Arrastamos nossas sombras de neônio
Voluteamos babélicos
[...]
O urro retumba próximo como um cada falso.

Se «Brasil» de Augusto Meneghin procura filiar-se explicitamente na tradição de uma poesia eufórica, com marcos incontornáveis em Whitman e Ginsberg, e uma confiança aguerrida na pluralidade das formas que o mundo contemporâneo assume, este «Cântico pré-apocalíptico» de Jefferson Dias mais depressa ecoa o desencanto de um Eliot, com o seu lamento por uma terra devastada, ou as ruínas de uma civilização exausta. Para esse diagnóstico, Dias cruza perspectivas sociológicas, antropológicas, históricas, listando «A selvageria dos modos mais civilizados de matar» e os «Crimes do século». De que crimes se trata aqui ao certo, quando o sujeito do poema afirma que «Tomamos parte em muitos e os achamos / Belos»? Será demasiado especulativo pensar no genocídio dos povos autóctones do Brasil, realizado pela chamada «civilização»? Nesse caso, importa repetir a sentença de Walter Benjamin, no seu ensaio «Sobre o conceito da História»: «Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie» (2010 [1940], p. 12). Ou seja, nesta civilização conquistada ao preço do crime, qualquer laço político está condenado a desfazer-se numa improdutiva Babel.

Em que sentido este poema é «pré-apocalíptico»? Não numa glosa explícita do texto de João em Patmos, e ainda menos no sentido de uma revelação concedida a uma testemunha, mas na sequência de catástrofes que minam todas as estruturas sociais. Ora, Jefferson Dias colhe essas catástrofes na atualidade. Versos como «(As pessoas estão menos livres / [...] / Muitas jazem / Com um tiro na nuca.)» podem fazer referência ao assassinato político de Marielle Franco; o verso «(Estão abolidos os apertos de mão.)» parece mesclar uma menção ao isolamento social provocado pela pandemia de covid-19 e uma denúncia da desconfiança generalizada; e o segmento «A civilização vai desabar sobre os selvagens / O fino talco / O peido do palhaço / A civilização / Afinal» remete claramente para declarações de Regina Duarte; conforme Jefferson Dias esclarece numa nota introdutória ao poema, «Quando o poeta escreveu este cântico, a secretária especial da cultura (em minúsculas) acabara de asseverar: a cultura no Brasil é o peido pejado de talco do palhaço» (2022, p. 32).

Neste poema extenso, a única referência explícita ao *Apocalipse* está no seu título. Talvez pareça pouco. Pelo contrário, entenderei que basta uma só referência (mais a mais, num lugar tão estratégico como o título de um texto) para obrigar a uma leitura de todo o poema sob a lente do imaginário apocalíptico. Ou então, numa ótica inversa, pode-se pensar o imaginário apocalíptico materializado num estado de coisas vigente no Brasil, atualização insólita das catástrofes neotestamentárias em novas formas, contemporâneas: crimes, conformismo, solidão, desprezo pela cultura. Seja qual for a perspectiva escolhida, em todo o caso, subsiste pelo menos este encontro produtivo entre uma linguagem muito antiga e uma linguagem muito recente, poeticamente implicadas uma na outra.

3. CORDEL DO FIM DOS TEMPOS

Wilson Alves-Bezerra nasceu em 1977; é autor de diversos livros de poesia, ficção e ensaio, três dos quais também publicados em Portugal. *Um Brasil Ainda em Chamas* inclui um extenso poema intitulado «O sétimo selo». Cito o seu *incipit* (2022, p. 51):

*Foi no tempo da peste
que aquele homem agreste,
os lábios oprimidos, de tão juntos,
mostrou gostar de defuntos
e se pôs a predicar:
aqui ninguém morreu.
Essa gripezinha não vai me pegar,
com minha história gloriosa
não tem nada que possa me deter.
Vamos escolher seguir em frente.
A economia não pode parar.*

Como na análise anterior, volto a recorrer à nota introdutória do poema, um pequeno texto em prosa onde o autor esclarece: «Este poema [...] foi escrito e publicado [...] em abril de 2020, nos primeiros tempos da pandemia de covid-19, no início do genocídio ao qual o povo brasileiro tem sido submetido por conta da gestão criminosa de seu presidente, Jair Messias Bolsonaro» (2022, p. 50). É claro que o poema de Wilson Alves-Bezerra, mesmo não conferindo nome ao «homem agreste, / os lábios oprimidos, de tão juntos», não investe em qualquer obscuridade ou hermetismo; pelo contrário, enunciados como «Essa gripezinha não vai me pegar», «com minha história gloriosa / não tem nada que possa me deter» ou «A economia não pode parar» são reconhecíveis de proclamações públicas, amplamente difundidas, de Jair Bolsonaro. Mas o poema opta por um anonimato e uma vaga marcação temporal («Foi no tempo da peste») que fingem atenuar essa identificação, criando o ambiente de um conto de fadas (ou talvez, neste caso, de uma história de terror). Por outro lado, aquilo que os versos mantêm num irónico tom de fábula é designado pela apresentação em prosa em termos absolutamente inequívocos: «genocídio» e «gestão criminosa de [...] Jair Messias Bolsonaro».

Por outro lado, a estrutura do poema, a narratividade assumida e o tom satírico aproximam este «O sétimo selo» da tradição de poesia de cordel. Distante do modelo elegíaco eliotiano ou da euforia de Ginsberg, o poema de Wilson Alves-Bezerra filia-se assim na tradição folclórica brasileira, não sem escárnio e maldizer, fazendo a crónica de uma catástrofe politicamente calculada: «aquele homem agreste [...] / nos obrigou a contar defuntos, / para dar de ombros no fim do dia, / com uma piada, / [...] /

enquanto na beira do túmulo você chorava / e corpos se amontoavam / em contêineres,
/ em sacos, / em valas comunitárias, / em frigoríficos. / Ele dizia: isso logo passa.
/ Não tem pandemia» (2022, p. 53).

O que há, também neste poema, de apocalíptico? Mais uma vez, o título: no *Apocalipse* de João, como se sabe, «O sétimo selo» remete para um misterioso livro — ou seja, um rolo fechado com sete selos — que deve ser aberto para precipitar o fim dos tempos. Contudo, ao abrir de cada selo corresponde uma catástrofe, como a chegada dos quatro cavaleiros — a peste, a guerra, a fome, a morte; na abertura do sexto selo, «houve um grande terramoto e o Sol ficou preto [...] e os astros do céu caíram à terra, [...] e o céu abriu-se como um livro a ser enrolado e toda a montanha e ilha moveram-se dos seus lugares» (Ap 6: 12-14). Na abertura do sétimo selo, misteriosamente, sobrevém «um silêncio no céu de aproximadamente meia hora» (Ap 8: 1); e sabemos como Ingmar Bergman (1957) faz dessa misteriosa meia hora a metonímia do silêncio de Deus e do desamparo humano. É a mesma referência bíblica que Wilson Alves-Bezerra usa para descrever a presidência de Jair Messias Bolsonaro; o próprio nome permite uma denúncia irônica (2022, p. 55):

*As pessoas não tinham comida.
As pessoas não tinham gás.
As pessoas só podiam era olhar a têvê.
Ou olhar para trás.
E ver
Satanás nos olhos do Messias:
Vocês querem que eu faça o quê?
Todo mundo vai morrer um dia,
ele dizia.*

Se o sétimo selo remete para o *Apocalipse*, e se esse livro personifica o mal em figuras como o Anticristo ou a Besta com o número 666, Wilson Alves-Bezerra desvenda, sob o nome «Messias», o nome de Satanás. A crônica do presente ganha sentido numa contraposição a uma narrativa muito antiga, judaico-cristã. E a breve meia hora de silêncio nos céus corresponde aqui a quatro longos anos de presidência.

4. CRÔNICA DE UM FIM ANUNCIADO

Por fim, leio um poema de Roy David Frankel, doutor em Ciência da Literatura e autor de dois livros de poesia: *Sessão e Fractal (Arte, Tempo, Espaço, Infinito)*. Cito o início e o fim de «Todo império» (2022, pp. 235-236):

*todo império irá ruir
todo homem e mulher que um dia puseram os pés nessa terra
serão carbono
tudo que é vivo
morrerá
tudo que um dia foi civilização
evaporará
apesar das inesgotáveis tentativas de lembrar
tudo será esquecido*

*toda pedra será areia
toda escrita ilegível
[...]
toda esperança ilusão
todo pecado imaculado
todo rei ninguém
toda história lenda
toda cultura museu
todo museu pó
até o isótopo radioativo
será comum*

*nada
resistirá à fome do tempo*

Ao contrário do que acontecia nos textos anteriores, o poema de Roy David Frankel não remete para o *Apocalipse*, nem para um paradigma cultural judaico-cristão. De resto, se o último livro da *Bíblia* anuncia, além do fim dos tempos, o regresso à eternidade, com os justos vivendo na Jerusalém celeste, o poema «Todo império» prefere focalizar o fim de modo radical, numa ruína e num esquecimento definitivos. Ao contrário também dos textos anteriores, o poema de Roy David Frankel não pretende apresentar uma crónica do presente, com remissões mais explícitas ou mais indiretas a pessoas, locais, eventos da cultura e da história brasileiras. Pelo contrário, trata-se de uma panorâmica universal, sem calendário nem cartografia: apresentação de uma lei abstrata, anúncio ou descrição de um fim do mundo — um fim que parece ainda mais radical por este poema ser o último da antologia *Um Brasil Ainda em Chamas*, encerrando definitivamente o volume.

Assim, todo o poema glosa uma única profecia de destruição: os impérios, os homens e as mulheres, todos os seres vivos, a civilização — tudo se reduzirá a nada. Pedras, escritas, esperanças, mesmo os pecados, a história e a cultura, em suma, as coisas e as memórias

das coisas — tudo será esquecido, numa data incerta. E, talvez numa sugestão de conflito e inverno nuclear, «o isótopo radioativo / será comum», portanto impeditivo do desenvolvimento da vida; nesta senda, a lei da destruição deixa de ser a simples consequência do devir heraclitiano do mundo, para se tornar a consequência da desastrosa conduta humana — mas o carácter elíptico do poema nunca deixa confirmar em definitivo esta leitura. Certo, apenas, é que «nada / resistirá à fome do tempo», seja porque o tempo é naturalmente destrutivo (e escultor, acrescentaria Yourcenar...), seja porque o ser humano destrói mesmo aquilo que conserva, criando museus e depois aniquilando o mundo com radiações.

Mas este tom de lamento pessimista pode ser relativizado. Também nesta leitura me socorro da breve apresentação que antecede o poema, onde Roy David Frankel afirma: «esse poema é um convite à perspectiva. Não uma perspectiva paralisante, mas um olhar para o abismo» (2022, p. 234). Assim, é preciso compreender e conjugar diversos estratos do texto: um abismo futuro anunciado, o anunciar presente desse abismo, e decerto uma perspectiva que não deve propiciar a paralisia — mas talvez uma ação preventiva, transformadora, capaz de negar a própria terrível futurologia do poema. Dito de outro modo, entre o poema e a apresentação em prosa cria-se um conflito: constativo definitivo da destruição *versus* performativo problematizador do anúncio. Entre os dois, talvez caiba aos leitores a possibilidade de adiar ou impedir o fim do mundo. E se há no poema um confronto aberto com o fim, um assistir triste à efemeridade de todas as coisas, talvez seja útil não tentar negar demasiado depressa a sensação de impotência, mas aprender a converter essa melancolia em lucidez, e depois ação — conforme sugere Mariano Siskind em *Rumo a um Cosmopolitismo da Perda. Ensaio sobre o fim do mundo*:

os humanistas deveriam também dar espaço para engajamentos melancólicos com o fim do mundo — nós deveríamos insistir, para plateias dentro e fora das humanidades, que temos de estar deprimidos e até mesmo paralisados em relação ao que está ocorrendo, que, antes e além de tentarmos superá-lo com modos automáticos e auto-confiantes de politizá-lo e instrumentalizá-lo, uma posição subjetiva melancolicamente enlutada pode de fato ser a única forma de absorver totalmente, de realmente assimilar a gravidade e a escala de dor que nos cerca (2020 [2018], p. 75).

Para concluir, relembro os limites necessariamente modestos deste artigo: de maneira nenhuma se trata de esgotar o tema do fim do mundo na literatura brasileira; nem de defender que toda a literatura brasileira é apocalíptica; nem sequer de definir uma qualquer especificidade na poesia brasileira que evoca, anuncia, teme ou deseja o fim do mundo. Mesmo na antologia *Um Brasil Ainda em Chamas* há muitos poemas que designam uma crise socio-económico-política sem recorrer à ideia do fim do mundo; e claro que existe muita poesia brasileira contemporânea menos apocalíptica do que

genesíaca, ou que simplesmente nem sequer pensa nestes termos. Qualquer generalização pecaria, assim, por simplismo; e conclusões mais gerais exigiriam um trabalho de leitura que de maneira nenhuma cabe fazer aqui.

Este artigo pretende apenas assinalar isto: que o imaginário do fim do mundo (e muitas vezes o *Apocalipse* de João) se revela produtivo em alguma poesia brasileira contemporânea; que um vocabulário muito antigo se mostra fértil perante um estado de coisas muito recente, num jogo de citações, referências, glosas, ironias; que o fim do mundo é denunciado em poemas capazes de protesto, revolta e reinvenção. Pistas de trabalho a desenvolver, um dia, com um *corpus* bem mais extenso, num ensaio mais demorado. Até essa oportunidade, fique pelo menos esta manifestação de vitalidade e resistência da poesia, mesmo perante o fim do mundo. Ou, nas palavras de Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias, organizadores do volume, lembrando a cor intensa do pau-brasil, «É contra [...] a noite purulenta [...] que tecemos essa teia [...] em uma terra que, como insiste o nome, tem o chão em brasa» (2022, p. xvi).

BIBLIOFILMOMUSICOWEBGRAFIA

- AA.VV., 2022. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa.
- ALVES-BEZERRA, Wilson, 2022. O sétimo selo. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 49-59.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, 2002 [1940]. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: Record.
- ANDRADE, Mário de, 2004 [1928]. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*. 33.^a ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier.
- ANJOS, Augusto dos, 1963 [s.d.]. *Apocalipse*. Em: Augusto dos ANJOS. *Eu (Poesias completas)*. 29.^a ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, p. 228.
- ANTUNES, Arnaldo, 2005. O dia de amanhã. Em: AA.VV. *A Cor do Som – Acústico* [álbum]. Rio de Janeiro: Sony BMG.
- Apocalipse*. Em: *Bíblia*. Vol. II: *Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. Trad. de Frederico LOURENÇO. Lisboa: Quetzal, 2017, pp. 555-605.
- ARGULLOL, Rafael, 2007 [1991]. *El Fin del Mundo como Obra de Arte. Un relato occidental*. Barcelona: Alcantilado.
- BENJAMIN, Walter, 2010 [1940]. Sobre o conceito da História [Über den Begriff der Geschichte]. Em: Walter BENJAMIN. *O Anjo da História*. Ed. e trad. de João BARRENTO. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 9-20.
- BERGMAN, Ingmar, 1957. *Det Sjunde Inseget* [filme]. Argumento de Ingmar BERGMAN; com Max von SYDOW, Gunnar BJÖRNSTRAND, Bengt EKEROT et al. Suécia. 96 m. p/b.
- DANOWSKI, Deborah, e Eduardo Viveiros de CASTRO, 2015 [2014]. *Há Mundo por Vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora; São Paulo: Instituto Socioambiental.
- DERRIDA, Jacques, 1993 [1972]. *La Dissémination*. Paris: Seuil.
- DIAS, Jefferson, 2022. Cântico pré-apocalíptico. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 31-37.

- DIAS, Jefferson, e Wilson ALVES-BEZERRA, 2022. Itinerário do descaminho – ou de como antologiar poesia em um Brasil ainda em chamas. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. iii-xvi.
- FRANKEL, Roy David, 2022. Todo império. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 233-236.
- GARCIA, Adriane, 2021. *Estive no Fim do Mundo e me Lembrei de Você*. São Paulo: Editora Peirópolis.
- HÖLDERLIN, Friedrich, 1991 [1802]. Patmos [Patmos]. Em: Friedrich HÖLDERLIN. *Poemas*. Trad. de Paulo QUINTELA. Lisboa: Relógio d'Água, pp. 406-423.
- KRENAC, Ailton, 2019. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MEIRELES, Cecília, 1998 [s.d.]. O fim do mundo. Em: AA.VV. *Quatro Vozes*. Rio de Janeiro: Record, p. 73.
- MENEZHIN, Augusto, 2022. Brasil. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 17-23.
- NASCIMENTO, Tatiana, 2019. *07 Notas sobre o Apocalipse ou Poemas para o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Garupa.
- NETO, João Cabral de Melo, 1986 [1945]. O fim do mundo. Em: João Cabral de Melo NETO. *Poesia Completa 1940-1980*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 417.
- PUCHEU, Alberto, 2020. Poema para a catástrofe do nosso tempo. *Cult* [Em linha]. 2020-05-15 [consult. 2023-03-04]. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/poema-para-catastrofe-do-nosso-tempo/>.
- SISKIND, Mariano, 2020 [2018]. *Rumo a um Cosmopolitismo da Perda: Ensaio sobre o fim do mundo* [Towards a Cosmopolitanism of Loss: An essay about the end of the world]. Copenhaga; Rio de Janeiro: Zazie Edições.
- SOARES, Elza, 2015. *A Mulher do Fim do Mundo* [álbum]. São Paulo: Circus. 39 m.
- VALENTE, Assis, 2024 [1938]. *E o mundo não se acabou* [Em linha] [consult. 2024-04-02]. Disponível em: www.mpbnet.com.br/musicos/assis.valente/letras/e_o_mundo_nao_se_acabou.htm.
- YOURCENAR, Marguerite, 1984 [1983]. *O Tempo, esse Grande Escultor* [Le Temps, ce Grand Sculpteur]. Trad. de Helena Vaz da SILVA. Lisboa: Difel.